

A inexorável abertura do mercado

Economia p. 2

ESTADO DE SÃO PAULO

21 JAN 1993

SÉRGIO AMAD COSTA

Quem ainda não acreditou que a abertura do mercado é um processo irreversível deve mudar de idéia, passar a crer e, também, a se preparar para viver neste novo tempo. Embora a heterodoxia esteja ganhando espaço novamente, não é preciso levar um "papo cabeça" nem defender teses ortodoxas para mostrar a inexorabilidade da abertura. Basta apenas citar, na prática, algumas circunstâncias econômicas que hoje nos afetam.



A primeira diz respeito ao fato de que o Brasil sempre esteve fechado ao mundo. Só para se ter idéia do que significa não ser uma das economias globalizantes, vale assinalar que a América Latina, em 1981, possuía um PIB per capita de US\$ 2.109 e, em 1991, caiu para US\$ 1.984. Entretanto, os países com economias globalizantes obtiveram, nes-

se período, resultados positivos. A Comunidade Econômica Europeia passou de US\$ 12.761, em 1981, para US\$ 15.155, em 1991. O Japão pulou de US\$ 18.560 para US\$ 26.990 e os EUA de US\$ 17.357 para US\$ 20.009.

Além disso, sabe-se que há, no mundo, cerca de 35 mil multinacionais, com 150 mil empresas afiliadas, com faturamento de US\$ 4,4 trilhões. Em 1990, 83% desses recursos foram canalizados para o Japão, EUA e Comunidade Europeia. Para o Brasil quase nada veio, apesar da nossa extrema necessidade de recursos externos. Portanto, permanecendo fechados, certamente estaremos marginalizados pelo capital estrangeiro.

A segunda circunstância está na questão da dívida externa. A solução desse problema passa pela irreversibilidade da abertura do mercado. Ora, necessitamos, como já assinalamos, de recursos de fora. E, para obtê-los, faz-se necessário retornar à comunidade financeira internacional.

Já firmamos todos os acordos com o FMI, o Clube de Paris e os bancos priva-

dos. Embora nosso acordo com o FMI esteja suspenso e, mais uma vez, na semana passada, o governo tenha adiado a reunião para a renovação do crédito stand by, o Fundo, assim como o Banco Mundial e o BID enviaram cartas aos bancos credores, manifestando, em princípio, confiança no País.

O governo suspendeu a reunião, pois só quer realizá-la após aprovação da reforma tributária. Porém, não é só a reforma que pesa nessas negociações. Junto com ela, a comunidade financeira internacional aposta na continuidade natural do processo de abertura do mercado, como um dos pilares da modernização da nossa economia.

Finalmente, a terceira circunstância que nos leva a crer na irreversibilidade da abertura está na própria necessidade de modernização de uma boa parte de nossas empresas. Havia um acomodamento total do mercado. Não se fazia necessária a melhoria da qualidade dos produtos assim como da produtividade, já que a lei garantia a ausên-

cia da concorrência. Porém, quem pagava o devido preço pelo atraso tecnológico e pelo alto custo de produção era a sociedade como um todo.

Hoje a consciência em relação ao resultado nefasto desse atraso é generalizada. E esse quadro só se reverte por meio do próprio mercado, via concorrência, pois o paternalismo estatal nunca deu certo para o aperfeiçoamento do sistema fundado na livre iniciativa.

Assim, tais circunstâncias interligadas nos fazem crer que a abertura do mercado é um processo irreversível. A necessidade de ingressar nas economias globalizantes, de pôr fim ao problema da dívida externa e de desenvolver novas tecnologias proíbe que o Brasil permaneça fechado para o mundo. Porém, mesmo aqueles que ainda não se convenceram disso não devem pagar para ver no que vai dar.

Preparem-se para um novo tempo no mercado. Ele é inexorável.

■ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.